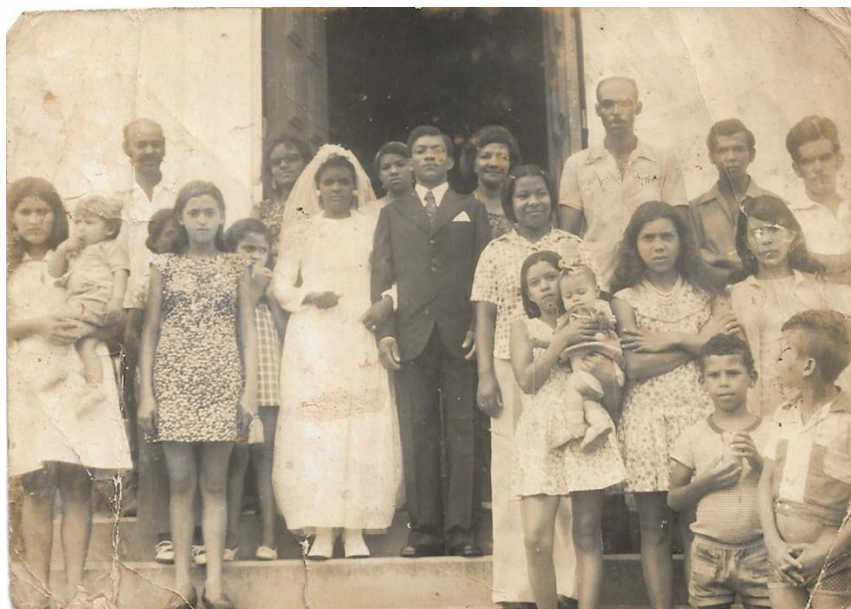


## Portal do Bicentenário – Relato de Experiência

*Por Simone de Assis – Mestre em História pela UFSJ*

### Álbum de família: experiências de liberdade no pós-abolição

*Ebó das palavras: “Sim”, foi o que disseram*



**Foto 1:** Casamento de Maria das Dores Paulino Assis e José Sebastião de Assis, com a presença de familiares e amigos na porta da Igreja Matriz de Três Corações-MG, em 29/12/1973. Acervo familiar da autora.

Antes da palavra, a imagem, observem-na com atenção. O documento nos leva a girar no tempo e presenciar o acontecimento marcante da escolha por trajetórias compartilhadas, através do matrimônio de um jovem casal negro: Maria das Dores Paulino Assis e José Sebastião de Assis, meus pais. O clique fotográfico que eterniza o momento familiar foi registrado na porta da igreja Matriz da cidade de Três Corações em Minas Gerais, minutos após a cerimônia do casamento no dia 29 de dezembro de 1973.

A visualidade permite constatar a elegância dos noivos: Maria, na época com 19 anos de idade, estava exuberante em seu vestido, grinalda, brincos, meias e sapatos brancos, e, José, aos 22 anos, encontrava-se alinhado no terno preto, camisa branca, gravata em tom escuro, lenço claro na lapela e sapatos pretos, ambos bem situados e bonitos conforme a etiqueta da época. Atrás de Maria, a esquerda da/do leitora/leitor, está Maria Rosa e ao lado dela, após um espaçamento, vemos Sr. Isonel Paulino de Andrade, irmã e pai da noiva. No plano de trás, entre o casal, está Ângela, a direita de José vemos Sra. Dalva Paulina de Assis, irmã e mãe do noivo. Os demais componentes da imagem

são primos, parentes e amigos. A foto revela semblantes alegres, sérios e orgulhosos de si pela beleza do momento, na construção afirmativa de parcerias entre nossa gente negra.

A fotografia enquanto fonte, quer seja de acervo público ou privado (como no caso deste texto que trabalha com um acervo familiar), oferece-nos suporte metodológico<sup>1</sup> para dialogar com a historiografia sobre o pós-abolição. Ou seja, a vertente teórica que visibiliza experiências de pessoas negras nos processos de liberdade e luta por cidadania, na longa duração do combate às desigualdades que atravessa o tempo passado e ecoa no tempo presente. Dessa forma, a perspectiva do conceito de pós-abolição interrompe com os silêncios da falsa democracia racial e desenvolve práticas antirracistas ao colocar foco nas vivências, tradições e saberes de pessoas afro-diaspóricas.<sup>2</sup>

Nesse sentido, Josemeire Alves Pereira (2019) ao teorizar sobre representações e produção de memórias negras nos estudos sobre territorialidades, sinaliza que por mais que os poderes hegemônicos tenham negligenciado às experiências de afrodescendentes na história de Minas Gerais, a desenvoltura de sujeitos comuns, do cotidiano, construiu marcas profundas e constantes de existência, cidadania e dignidade afro-mineira.<sup>3</sup>

Por essa ótica, o fio condutor de nossas reflexões e maneira de tecer uma prática de ensino de história será pela “genealogia familiar”<sup>4</sup>. Que é apresentada através da seleção de fotografias interseccionada com a memória dos narradores, conectados às lembranças e voz da autora, que historiciza vivências do próprio núcleo parental. Desse modo, buscaremos trazer a visualidade da “amorosidade”<sup>5</sup> negra formada pelas escolhas de Maria e José. Além disso, a micro história do casal nos permite dialogar com a macro estrutura do “campesinato negro e estratégia migratória”<sup>6</sup> na região sul-mineira.

Dito isso, passemos para o contexto daqueles que antecederam ao casal, isto é, meus avós, e também a ambiência do trabalho rural em fazendas localizadas entre as cidades de São Thomé das Letras e Três Corações, ao sul de Minas Gerais.

---

<sup>1</sup> ABUD, SILVA e ALVES, 2011: 149.

<sup>2</sup> RIOS e MATTOS, 2004: 192.

<sup>3</sup> PEREIRA, 2019: 216-217.

<sup>4</sup> RIOS e MATTOS, 2005: 137.

<sup>5</sup> HOOKS, 2021: 130.

<sup>6</sup> RIOS e MATTOS, 2005: 194-195.

*Avós gratidão pelos sonhos bonitos que semearam pra nós*



**Foto 2:** Dalva Paulina de Assis e Sebastião Francisco de Assis em momento de passeio, lazer e fé no adro do santuário de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Aparecida do Norte- SP. Não sabemos a data do registro, mas supomos que seja entre os anos de 1950 e 1970. Acervo familiar da autora.

É com a beleza e o charme de Dalva Paulina de Assis e Sebastião Francisco de Assis em uma foto posada, tendo como pano de fundo o santuário de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Aparecida do Norte em São Paulo, que abrimos esse tópico. Percebemos o olhar firme de quem fita a câmera, denotando confiança e cidadania mediante ao passeio de lazer e fé. Não sabemos a data exata do registro, mas supomos que seja um arquivo realizado entre o período de 1950 e 1970. Para a hipótese levamos em consideração o ano de nascimento dos fotografados, ele 1927 e ela 1935, também a data do matrimônio do casal, que coincide com o ano de nascimento do filho primogênito

José Sebastião de Assis<sup>7</sup>, em 1951. Outro fator é o ano de falecimento do Sr. Sebastião Francisco, junho de 1971, conforme o registro de óbito nos permite afirmar.

Sebastião Francisco e Dalva nasceram nas mediações da Fazenda Velha, propriedade da família Pereira localizada, na época, entre as cidades mineiras de São Thomé das Letras e Três Corações. Ele exercia a profissão de lavrador e ela doméstica. As narrativas de José, filho do casal, nos levam a conhecer outros sujeitos desta teia parental e a compreender a dinâmica da região. José conta que Joaquim Cândido da Cruz e Ana Inácia de Jesus, os pais de Sebastião Francisco, tinham terras próprias e eram tropeiros. Todavia, entregavam a terça parte daquilo que cultivam para os fazendeiros locais. Ainda assim, eram pessoas de considerável prestígio social e recursos financeiros. Tratava-se de uma família afrodescendente com antepassados egressos do tempo do cativo, no entanto, com outras oportunidades de mobilidade e negociação.

Trazem às memórias familiares que Dalva, filha de José Paulinho e Rosenda Salgado, aprendera com a mãe o ofício afro-indígena das parteiras. Sabia sobre os chás e banhos que o momento e a técnica da medicina popular requeriam. Dessa forma, trouxe ao mundo muitas pessoas daquela região. Inclusive as netas Sueli e Marli, minhas irmãs. Contam em narrativas de família que Rosenda, a bisavó que tive o prazer de conhecer pessoalmente, viveu bem e intensamente. Os filhos regressaram para o mundo dos mortos primeiro que ela. Rosenda certamente é uma ancestral, além de costureira e cozinheira, era também benzedeira. Dizem que a porta das casas em que vivera eram sempre requisitadas, com filas de pessoas à procura de cura, mediante aos momentos de infortúnios causado pelos males espirituais e terrenos. Ela exercia a arte da reza com o amparo de Santa Luzia, a quem era devota. Vaidosa que só, mesmo já de idade cultivava as unhas grandes, pintadas na cor vermelha.

Apresentado os avós paternos, passemos agora para os maternos, trazendo ainda a ambiência do campesinato negro e as relações trabalhistas na disputa pelas terras dos antigos proprietários senhoriais, nas fazendas sul-mineiras.

---

<sup>7</sup> Aquele da foto 1, meu pai.



**Foto 3:** Aparecida de Andrade Oliveira entre abraços com os pais Isabel Rosa e Isonel Paulino de Andrade, em frente à residência do casal, na Fazenda da Divisa, s/n, entre São Thomé das Letras e Três Corações, em Minas Gerais. Supomos que seja um registro realizado por volta dos anos 1980 e 1990. Acervo familiar da autora.

Com a foto 3 apresento-lhes Isabel Rosa de sorriso solto, blusa verde e saia azul. Ela abraça e apoia o braço esquerdo nos ombros da filha Aparecida de Andrade Oliveira, que veste blusa estampada, calça jeans e com carinho abraça pela cintura tanto a mãe, quanto o pai. Isonel Paulino de Andrade mantém os braços retos, esboça um olhar generoso e um leve sorriso, usa chapéu de couro, camiseta azul e calça de tergal clara. Entrelaçados em cumplicidade, beleza e amor, posam para fotografia que aos fundos tem à residência do casal, localizada na fazenda da Divisa, entre São Thomé das Letras e Três Corações em Minas Gerais. Territorialidade que, antigamente, pertencia às terras de Chico Lagoa e Alzira, os herdeiros senhorias, conforme narrou Maria das Dores Paulino Assis<sup>8</sup>, a terceira filha de Isabel e Isonel.

Maria também nos conta que a casa foi erguida por seu pai, o trabalhador rural Sr. Isonel, quando este, ainda moço, firmou matrimônio com Isabel. Isonel, assim como os pais dele, Pedro José da Costa e Severina Paulina de Andrade, prestavam serviços para família de Chico Lagoa. Dessa forma, adquiriram o direito de morar nas mediações, entretanto, com o compromisso de entregar a terça parte do que produziam aos fazendeiros da região. Plantavam arroz, amendoim, milho etc., criavam porcos, galinhas, alguns cavalos e bois. No quintal Sra. Isabel cultivava, cuidadosamente, roseiras. Foi nas

---

<sup>8</sup> Aquela da foto 1, minha mãe.

terras dessa região que enterraram o umbigo dos 15 filhos que tiveram. Trazendo, assim, prosperidade e bonança para localidade e todos eles. Mas antes disso, leitores, é preciso ambientá-los sobre alguns elementos do percurso.

Isonel e Isabel nasceram na década de 1930. Ao casarem, Isabel dedicou-se ao trabalho doméstico. Acordava por volta das três horas da manhã para preparar o almoço do marido e dos filhos que o acompanhavam nas atividades do campo. Saíam de casa por volta das quatro horas da manhã. Isonel exerceu atividades como arar a terra, plantar, colher, domar cavalos, boiadeiro, dentre demais afazeres do mundo rural. Trabalhavam para si e nas propriedades de Chico Lagoa. Perto do momento de Sr. Isonel adquirir o direito cidadão da aposentadoria e acerto de contas por todo tempo de labor, a família de Chico Lagoa alegou falência. Não recebendo o pecúlio em espécie, foi acordado e passado legalmente para o nome de Isonel uma significativa parte das terras da fazenda da Divisa. Na maneira cotidiana de ser, ao lutar e ensinar sobre cidadania emancipadora, Sr. Isonel costumava falar que seu avô, pai do Sr. Pedro, era africano legítimo, que viera capturado da África aos 30 anos de idade, que fora escravizado. Dizia que *“o povo antigo sofreu muito, mas que nós hoje, perto do que era antes, estamos num pedacinho do céu”*.

No pedacinho de céu da família da Sra. Isabel e Sr. Isonel cabia festas e terços rezados, em que toda vizinhança era convidada e participava. A festividade mais lembrada era a do mês de junho, em que acendiam fogueiras e levantavam os mastros em louvor a Santo Antônio, São João e São Pedro. Dançavam quadrilhas e bailavam ao som de forrós. Distribuía broas, canjicas, chás e quentão. Enfeitavam a casa com fitas e bandeiras coloridas, trazendo grande alegria e diversão.

Quando a luz elétrica chegou naquela região, por meio do programa “Luz para Todos”, implementado nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, a partir do ano de 2003, a Sra. Isabel já havia falecido, estava junto aos ancestrais e não pôde desfrutar da novidade terrena. Aos viventes à satisfação do banho no chuveiro elétrico e não mais na bacia ou córrego dos arredores da casa; a televisão colorida na sala; a troca das velas e lamparinas para luz que acendia via interruptor, etc.

Sr. Isonel acompanhou as mudanças do tempo com beleza e dignidade por tudo aquilo que, junto da companheira Sra. Isabel, construíram para si e puderam deixar aos filhos/filhas e familiares. Viveu de maneira simples, mas rodeado de afetos, bom humor e trabalho. Era um homem que não tinha vergonha de chorar e demonstrar emoção nos momentos das despedidas de férias ou fim de semana de passeio na casa do vovô, deixava tranquilamente as lágrimas rolarem pelo rosto e pedia para que voltássemos mais

vezes. Certa vez recebeu o laudo médico de que estava prestes a morrer, o padre foi convocado para entregar-lhe a extrema unção e os familiares tiveram o direito de leva-lo para fazer a passagem fúnebre em casa. Todavia, driblou a morte por mais de dez anos. Mas o momento de partir chegou em 2018, aos 87 anos de idade retornou para companhia de Isabel e os demais ancestrais. Deixou bens materiais e imateriais que seguem vívidos em todos nós que tivemos o privilégio e o prazer de desfrutar de sua companhia. Nguzo!

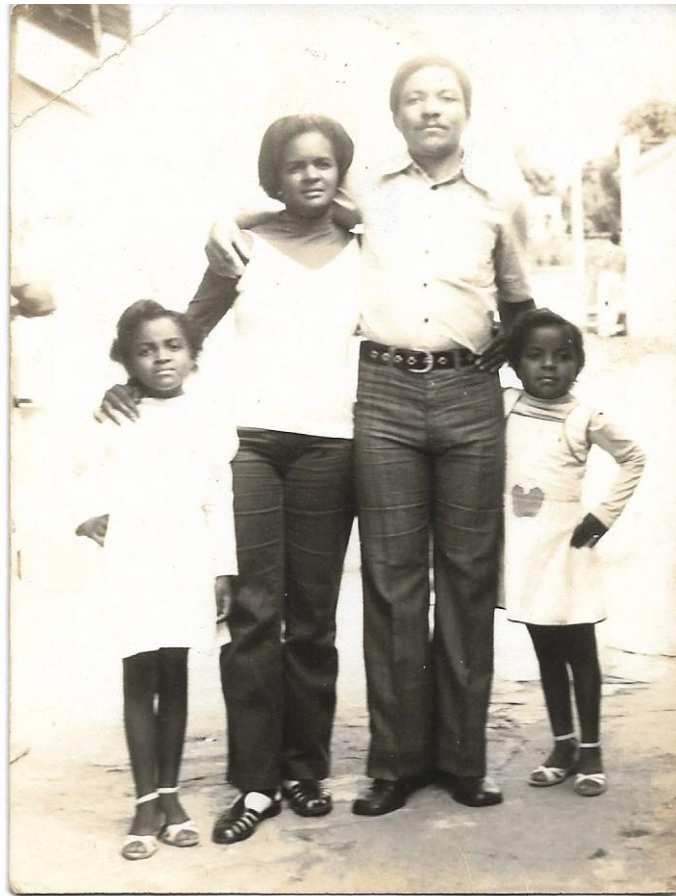
Agora que conhecem parte da árvore genealógica do casal Maria e José, a quarta geração de duas famílias egressas do tempo da escravização, também algumas relações de trabalho e moradia de seus pais e avós (Francisco, Dalva, Rosenda, Ana, Joaquim, Isabel, Isonel e Pedro), conectados com antigas fazendas escravistas da região sul-mineira, dialogaremos sobre as diferentes estratégias do campesinato negro. Para isso, valemo-nos dos estudos de Ana Lugão Rios e Hebe Mattos (2005), que trazem a perspectiva de famílias negras da região sudeste, mediante às memórias do cativo e da liberdade. Vejamos:

Algumas das famílias pesquisadas viveram uma experiência caracterizada principalmente pela extrema mobilidade. Seus depoimentos foram relatos dramáticos, que invariavelmente eram apontados pelos entrevistados como marcantes e dolorosos, e estavam geralmente associados a uma memória de privações e injustiças. Já outras famílias o marcante era uma extrema estabilidade em uma mesma fazenda ou fazendas da mesma localidade. Uma estabilidade mais que centenária em lugares que assistiram ao cativo de seus avós. Uma terceira experiência também marcante diz respeito a também muito estáveis comunidades formadas, logo após a Abolição, exclusivamente por descendentes de escravos de uma mesma fazenda. Nestas, uma situação de isolamento (em geral voluntário) marcou, por décadas, a vida de seus membros, que desenvolveram suas próprias formas de conduta, de trabalho e socialização. (RIOS e MATTOS, 2005: 194-195).

Ainda sobre a estratégia de algumas famílias afrodescendentes pela estabilidade próxima a antigos núcleos escravistas, quando este lhes trazia algum tecido social negociável e/ou de poder, as autoras sublinham os desafios da liberdade mediante a preocupação dos mais velhos para com o futuro e bem-estar dos mais novos.

Para a última geração de escravos, ou pelo menos para parte dela, a liberdade traria um desafio especial: o de preservar o delicado tecido dos últimos anos da escravidão: a rede familiar e de relações que suas crianças herdariam. Esse seria um poderoso fator de fixação nas proximidades de seu antigo local de cativo e parte importante das novas negociações a serem estabelecidas. (RIOS e MATTOS, 2005: 188).

Tais considerações nos levam a compreender e respeitar as escolhas estratégicas de negociação da rede familiar que historicizamos. Foram desses desafios, ações afetuosas e de árduo trabalho rural que as gerações futuras puderam sonhar e realizar outras ações de liberdade. Acompanhemos agora a mobilidade de Maria e José.



**Foto 4:** Pais e filhas de braços dados em meio abraços, possuem olhares serenos e felizes. Da esquerda para direita: Sueli Aparecida de Assis, Maria das Dores Paulino Assis, José Sebastião de Assis e Marli Aparecida de Assis. Foto da década de 1980. Acervo familiar da autora.

A foto 4 expressa um tom harmônico e de companheirismo entre os integrantes da família fotografada, que em corrente de abraços fitam a lente da câmera com semblantes serenos e felizes. Os pais ao centro, com blusa clara e calça escura, e cada uma das filhas na ponta, com vestido e sandálias claras e mãozinha na cintura. Da esquerda para direita: Sueli Aparecida de Assis, Maria das Dores Paulino Assis, José Sebastião de Assis e Marli Aparecida de Assis, em um registro da década de 1980. Não sabemos exatamente sobre o local e cidade em que a fotografia foi realizada, mas sabemos que a data representa momento de mudanças e recomeços na experiência de vida dessas pessoas.

Maria e José Assis após se casarem, em dezembro de 1973, foram morar nas mediações da fazenda Mostarda, de Betinho Pereira, próximo ao local em que José residia com a mãe e irmãos. Ele exercia trabalhos de lavoura, retireiro e silagem para



família Pereira. Maria cuidava dos afazeres domésticos do próprio lar e também da família Dias. No ano de 1974 deram luz à primeira filha, Sueli, e em 1976 foi a chegada da segunda criança, Marli. Compraram o primeiro carro, uma vemaguet de segunda mão, acontecimento que era uma conquista tanto para os parentes dela, quanto dele.

Com o passar do tempo naquela região, José, certo dos próprios valores e sem tolerar desrespeitos para consigo e familiares, além disso, mediante tensões trabalhistas entre empregado e empregador, levou a família Assis a iniciar um movimento migratório a procura de melhores oportunidades e condições de vida. Moraram nas cidades sul-mineiras de Três Corações e São Lourenço, até que nos anos de 1980 fixaram território em Cambuquira, a cidade das águas minerais. Com bastante dignidade, conexão amorosa e disposição para o labor dos serviços gerais deram início a um novo ciclo e a família cresceu com o nascimento de mais três filhas: Maria Isabel de Assis, Simone de Assis e Juliana Aparecida de Assis. Assuntemos abaixo no próximo registro fotográfico.



**Foto 5:** Família sorridentes no interior da sala da casa própria. Aos fundos temos José Sebastião de Assis e Maria das Dores Paulino Assis que segura no colo a filha caçula Juliana Aparecida de Assis. Na segunda fileira está Maria Isabel de Assis ao lado de Valéria Freitas, afilhada do casal. No primeiro plano está Simone de Assis.

**Fotógrafa:** Francisca Márcia de Assis Venâncio. Setembro de 1991.  
Acervo familiar da autora.

Na foto 5 temos aos fundos José Sebastião de Assis ao lado de Maria das Dores Paulino Assis, que segura no colo a filha caçula Juliana Aparecida de Assis. No segundo plano está Maria Isabel de Assis ao lado de Valéria Freitas, afilhada do casal, a frente está Simone de Assis. Há sorrisos, as crianças em roupas coloridas e todos bem aparentados, com a leveza de um ambiente familiar e doméstico. O registro foi realizado em setembro de 1991, no interior da sala da primeira casa própria de Maria e José, localizada no bairro Marimbeiro em Cambuquira-MG.

A imagem nos fornece alguns elementos da cultura material desses sujeitos, há uma estante de madeira que contém televisão vermelha (que pegava em preto e branco); vitrola branca de tampa rosa- avermelhada, há uma capa de disco de vinil em cima da mesma; há livros; rádio; canecas de porcelana, dentre demais elementos. Chamamos atenção para a imagem do buda virado de costas, o que nos faz lembrar que na frente dele havia um pires com moedas, a organização dos objetos estava na ritualística familiar para atrair fartura e prosperidade. Outro elemento de crença é a singela bolsa de mandiga pendurada acima da parte superior da porta de entrada. O patuá representava proteção e segurança aos viventes do lar. No âmbito da fé popular e negra José, assim como fora a avó Rosenda, cumpre a missão sagrada de benzer crianças. Trabalha na linha do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora Aparecida e Cosme e Damião, dentre outros santos.

A fonte 5 carrega o diferencial de sabermos quem realizou a fotografia, no caso fora Francisca Márcia de Assis Venâncio, irmã de José. Márcia também faz parte da geração de mobilidade espacial e social. Morou nas cidades de Baependi-MG, Rio de Janeiro-RJ, São Paulo- SP e atualmente, aposentada, reside em Cambuquira-MG. Na juventude ela adquiriu uma máquina fotográfica, desde então tornou-se a principal responsável pelos cliques familiares. Márcia levava em consideração os valores do mercado para revelação dos retratos e os parentes arcavam com os gastos, pois gostavam de ter e consumir fotografias com representações de si, parentes e amigos.

Alexandre Araújo Bispo, no ciclo “Negras Imagens – Retratos negros: individualidades e afetos”, realizado virtualmente pelo Instituto Moreira Salles<sup>9</sup>, traz a perspectiva de “sujeitos negros consumidores de fotografia” e do “direito à imagem de pessoas negras enquanto um bem social”. Nesse sentido, nos leva a compreender que para se consumir um registro fotográfico, a pessoa dispunha de condições financeiras, no mínimo favoráveis. Isto é, poderia arcar com gastos para além do básico como alimentação, saúde, moradia e despesas essenciais. As fotos, além de contarem sobre

---

<sup>9</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=DOOhYCtkp-g>

determinada circunstância e tempo, dizem respeito aos bens de lazer de uma família. Desse modo, acessar e historicizar acervos de pessoas e coletivos negros, corroboram com medidas de ações afirmativas e educação antirracista, junto a Lei 10.639/2003.

Dito isso, voltemos para o enredo familiar de Maria e José, que depois de trabalharem em lavoura, doméstica, granjas, no campo e na cidade, são hoje aposentados. Observam com orgulho o desempenho e autonomia das cinco filhas, cada qual com seu estilo e atuação. O casal que venceu diferentes intempéries do que é ser negro e periférico no cenário brasileiro, segue nos processos de resistência e sede de viver. Aos 48 anos de matrimônio são continuidade de afeto e reciprocidade, na episteme a filosofia afro-diaspórica do ubuntu – “eu sou porque nós somos”.

O acervo fotográfico e história desta família é ampla, não se esgota aqui as possibilidades de diálogos sobre as experiências negras sul-mineiras. O que ficará para futuros trabalhos.



**Foto 6:** José Sebastião de Assis e Maria das Dores Paulino Assis de chamego no Pico do Piripau, em Cambuquira/MG  
**Fotógrafa:** Simone de Assis – Para Ocupação Guia Cambuquira, na exposição Retalhos: Cambuquira Negra, 2021.

Sankofa é a adinkra africana com a representação de um pássaro que olha para trás e carrega um ovo na boca, simbolizando o mundo, o corpo do pássaro, no entanto, é direcionado para frente. A tecnologia ancestral dos saberes contidos em Sankofa reflete a epistemologia de que, a partir do presente é necessário olhar e compreender o passado, pegar aquilo que é da própria história e com isso ressignificar as ações que irão reverberar nas escolhas de futuro. É com essa movimentação de Sankofa que procurei trabalhar neste relato de experiência.

Procurei montar a genealogia familiar, de sujeitos afrodescendentes, por meio de fontes fotográficas do acervo pessoal, com foco nas vivências de meus pais e avós, afim de dialogar com a historiografia de experiências negras no pós-abolição da região sul-mineira. Mediante ao campesinato negro encontramos estratégias de estabilidade e depois mobilidade migratória da quarta geração de pessoas egressas da forçada escravização. O tempo histórico nos faz evidenciar os desafios para emancipação e por cidadania plena, mas também a resistência que pulsa dos afetos e amorosidade da formação de núcleos de famílias e culturas negras.

Dessa forma, abordei a perspectivas da produção de memórias negras através de imagens, com vias de entendimento de que essa é uma das possíveis práticas no construto e ensino de saberes no campo da História.

## **REFERÊNCIAS**

### **1.FONTE**

Acervo fotográfico e memórias familiares da autora.

### **2.BIBLIOGRAFIA**

ABUD, Maria Kátia, SILVA; André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. Fotografia e ensino de História. In. CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (Coordenadora) Ensino de História – Coleção ideias em ação. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2011.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. / tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

PEREIRA, Josemeire Alves. Para além do horizonte planejado: racismo e produção do espaço urbano em Belo Horizonte. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2019

RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. TOPOI, v.5, nº.8, p.170-198, Jan-jun. 2004.

RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe. Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

### **3.ON-LINE**

#### **YOUTUBE**

Ciclo Negras Imagens – Retratos negros: individualidades e afetos. Instituto Moreira Salles. 2022. Vídeo (1:39min).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DO0hYCtkp-g> Acesso em: 22 de agosto de 2022,

Participação de Alexandre Araújo Bispo, Janaína Damaceno, Ana Beatriz Almeida e Renata Bittencourt.